

## APRESENTAÇÃO

Sérgio ADORNO\*

Depois da morte de Michel Foucault, em 1984, alguns intelectuais prognosticaram que as inquietações e mesmo o *frisson* inerentes à obra e ao pensamento daquele filósofo estariam superadas em poucos anos. Por um lado, argumentavam que os objetos abordados em sua obra se restringiam ao mundo ocidental herdeiro do iluminismo, em especial europeu e continental, emergente em fins do século XVIII e dominante ao longo do século XIX. Seu impacto para a compreensão dos problemas sociais e dos dilemas intelectuais contemporâneos exigiriam ultrapassar sua microfísica do poder, o império das disciplinas e dos saberes normativos, a desconfiança nos sujeitos e suas virtudes racionalistas. Por outro, muitos entendiam que, a despeito da internacionalização do pensamento de Michel Foucault, especialmente a partir da publicação, em inúmeras línguas, de *Vigiar e Punir* (FOUCAULT, 1975), ele permanecia um filósofo francês, fosse por seu estilo de escrita, fosse por reproduzir a grande tradição iluminista que alia dialeticamente pensamento e ação política, fosse pela natureza de suas polêmicas na esteira do que fizeram seus antecedentes desde Rousseau a Sartre.

No entanto, ao menos dois movimentos vieram colocar tais prognósticos em dúvida. Primeiramente, a publicação de *Dits et Écrits* (FOUCAULT, 1994) e logo em seguida dos cursos no *Collège de France*, entre 1970-1984<sup>1</sup>, que contribuíram em muito para penetração cada vez mais enraizada do pensamento de Foucault no universo intelectual e político anglo-saxão. *Dits e Écrits*, reunião de entrevistas e pequenos artigos publicados em periódicos acadêmicos e não acadêmicos ao

---

\* Diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Docente do Departamento de Sociologia e Coordenador do Núcleo de Estudos da Violência. USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo – SP – Brasil. 05508-080 – sergioadorno@gmail.com.

<sup>1</sup> As aulas de Michel Foucault no *Collège de France* foram publicadas pelos períodos em que foram ministradas, e/ou pelos temas dos Cursos em livros na França e em diversos países, não há uma edição única que compile todas aulas. Nas Referências consta um dos livros dessas aulas, publicado no Brasil (FOUCAULT, 2000).

longo da vida do filósofo, contribuíram em muito para conhecer o polemista que não poupava críticas às tradições e convenções intelectuais e tampouco de rever e desdizer suas próprias obras e descobertas nos escombros da história. A leitura desses ensaios permite compreender a complexidade de um pensamento em sua articulação entre criação intelectual, vida pública e política e focalização dos labirintos da vida cotidiana, em especial as formas insidiosas em que poderes investem sobre corpos.

Em segundo lugar, Foucault firmou um horizonte para a filosofia contemporânea representado pelos laços estreitos que estabeleceu entre pensamento filosófico e investigação histórica. Não é por certo uma marca original. Sua originalidade está no modo como revolucionou o tratamento dos objetos históricos. Ele não se identifica como historiador, ou ao menos o que se convencionou chamar de historiador. Identificava sua investigação como histórica mais em virtude dos objetos empíricos aos quais havia se debruçado ao longo de sua trajetória intelectual: da loucura ao liberalismo como economia política de gestão de populações. Sob este prisma, os cursos vieram justamente por em evidência a meticulosa pesquisa documental em arquivos históricos, sua metodologia de trabalho, o modo como construía suas hipóteses e as transformava em objetos propriamente ditos de investigação filosófica. Seus cursos radicalizam uma noção que lhe é cara e fundamental: a noção de atualidade.

Foucault não é um pensador com o olhar voltado para o passado, porém para o presente. Está preocupado em auscultar a contemporaneidade, ou melhor a nossa contemporaneidade, aquela que veio se constituindo desde fins do século XVIII com as revoluções políticas modernas e se desdobrou nesse grande projeto molecular de controles dos corpos, das emoções, da vida e da morte, das pulsões e das violências, da reprodução cotidiana de populações, do racismo, do controle minudente das sexualidades. Não sem razão sua atualidade desembocou na perspectiva histórica do biopoder ou da biopolítica. É ela que parece enfeixar todos os movimentos, deslocamentos e temporalidades do presente. É nela que fatos aparentemente díspares como violência de gênero, estetização da vida cotidiana, dieta e hábitos alimentares parecem encontrar um solo comum por onde transitam saberes e formas políticas de incitação ao controle de si e dos outros. É nela que parecem residir todas as racionalidades que a contemporaneidade deixa entrever. Por isso, o pensamento de Foucault, mais do que onda ou moda, mais do que ícone dos movimentos libertários, traduz a possibilidade mesma da contemporaneidade, isto é a possibilidade de viver e pensar no plural, a pluralidade do pensar – em lugar da homogeneidade buscada nos grandes relatos científico-filosóficos fundados nas esperanças e apostas na razão – como fonte mesma de liberdade dos sujeitos.

Não sem motivos, a obra de Foucault permanece como fonte de inspiração. Basta um breve rastreamento nas fontes eletrônicas de informação para constatar

os inúmeros seminários e eventos acadêmicos dedicados ao estudo de suas obras, escritos e cursos por todo o mundo, assim como os *sites* na Internet, as discussões nas redes sociais reunindo, é certo, reflexões heterogêneas inclusive, quanto à maior ou menor densidade. Por isso, este novo dossiê – **Sociedade e Poder em Michel Foucault** – persegue a atualidade de seu pensamento. Estão nele agregados quatro contribuições originais.

Marcos Alvarez, que vem se dedicando com afinco há anos a leitura e estudo do conjunto da obra, apresenta um ensaio instigante. Seu propósito é avaliar o impacto do pensamento de Michel Foucault na Sociologia e na Teoria Social. Inicialmente, faz menção à metáfora frequentemente empregada por Foucault de referir-se ao trabalho intelectual como **caixa de ferramentas**, por isto compreendendo o trabalho intelectual como uma espécie de artesanaria na qual ideias e hipóteses iniciais se convertem em experiências provisórias que se desdobram em obras a serem em momento posterior criticadas, viradas do avesso, forçadas a ranger, desobstruídas. É a partir dessa perspectiva de **caixa de ferramentas** que Alvarez examina os equívocos e limites de uma apropriação e aplicação quase literais dos conceitos e perspectivas analíticas subjacentes ao pensamento de Foucault. Afinal, diria o próprio Foucault, nada mais anti-foucaultiano do que realizar uma exegese de seu pensamento e aplicar suas hipóteses a objetos empíricos, como se fossem não ferramentas, porém instrumentos de precisão e medição.

Luiz Antônio Francisco de Souza é igualmente outro pesquisador familiarizado com o universo foucaultiano. Seu ensaio tem como contexto social e político mais amplo uma descrição sociológica da crise de modernidade em que se acha imersa nossa contemporaneidade, cujo sintoma mais evidente é sem dúvida o retorno da violência como mecanismo constitutivo da política. Souza indaga se as tendências atuais, sobretudo a militarização da segurança pública, fenômeno quase universal, não estariam significando uma sorte de *thanatos* política (AGAMBEN, 2004), uma espécie singular de biopolítica vigente em nossa contemporaneidade? Para responder a essa indagação, o artigo se detém com base na descrição de distintos cenários de violência – guerras, massacres, encarceramento em massa – em instigante discussão a respeito da reintrodução da morte nos cálculos do poder. Tal perspectiva retoma, em outro plano, as relações entre vida e morte, mais propriamente entre o direito de mandar matar e o de deixar viver.

Andrei Koerner não é menos familiarizado com a obra de Michel Foucault comparativamente a seus anteriores. Ele vem se ocupando, há muito tempo, em compreender relações para as quais Foucault parece não ter se detido explicitamente: as relações entre tecnologias de poder e direito. De fato, Foucault evocou com frequência tais relações, em geral tratadas de modo disperso ao longo das obras, ensaios, entrevistas e cursos. Explorando com maior atenção a noção de

governamentalidade e de Estado governamental, seu ensaio apresenta um exercício de rastreamento de uma série de ferramentas conceituais – arte de governar, regime governamental, racionalidade jurídica, prática jurídica, arte de julgar, as distinções entre direito e jurídico, as relações entre lei e norma, entre jurídico e normativo – com o propósito de afinal requalificar o território do que em Foucault se pode entender como direito.

Finalmente, Ricardo Urquiza Campello tem por objetivo traçar uma genealogia dos dispositivos de monitoramento eletrônico de criminosos sujeitos ao controle penal nos Estados Unidos. Ele mostra como experimentos científicos realizados por psicólogos e biólogos da Universidade de Harvard visando controlar à distância o comportamento de indivíduos sobre os quais pesava a suspeita de autoria de desvio ou crime foram apropriados pela indústria de segurança e pelos mecanismos estatais e privados de aplicação de sanções penais. A descrição histórica é primorosa e revela o quanto pesquisas originais podem ser esclarecedoras. Elas revelam de modo inequívoco as estreitas relações entre saberes científicos e poder punitivo para além do que já sabíamos a partir da leitura de *Vigiar e Punir* (FOUCAULT, 1977). Além disso, seu ensaio vai mais longe justamente ao abrir um diálogo esclarecedor com o que Michel Foucault nomeou de governamentalidade neoliberal.

Com este Dossiê, não apenas se coloca em evidência contribuições recentes. Seu maior propósito é manter viva nossa atualidade.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.

FOUCAULT, M. **Em defesa da Sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Dits et écrits**. Paris: Guallimard, 1994. 4 v.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. **Surveiller et punir**. Paris: Guallimard, 1975.